Ainda o tripé? Cem anos do modelo Eitingon[1]

Marcella Laboissière

Resumo

Este artigo se propõe refletir sobre a experiência de uma representante da EPFCL-Brasil, no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas e os efeitos para a formação do analista. Freud, em 1926, faz uma única exigência àquele que pretende escutar outros sujeitos: submeter-se a uma análise. A partir do trabalho que vem sendo desenvolvido, foi realizada uma pesquisa pela obra de Freud, a respeito do significante "tripé" e, pelo que pôde ser verificado, o termo não aparece em nenhum de seus textos, apenas constam referências dispersas. A criação do tripé e do modelo homogêneo de formação analítica é de Max Eitingon. O objetivo do presente artigo é questionar o uso do termo "tripé", o qual tem servido como fundamentação para a abertura de cursos de graduação em psicanálise. A partir disso, verifica-se a expressão "tripé freudiano" como produto para justificar a existência destes cursos e o aumento vertiginoso de novos alunos — entre 2021 e 2023 foram criadas mais de 13 mil vagas. A conclusão é de como a expressão funciona como *slogan* da aliança entre discurso da ciência e do capitalista, e como o tripé tantas vezes repetido pelos analistas, tem se tornado um bordão de(formação). Assim, faz-se necessária a urgência de cada analista, um a um, tomar a não regulamentação da psicanálise como causa de sua formação sempre contínua e apostar que a cada nova análise possa advir o desejo do analista.

Palavras-chave:

Tripé; Modelo Eitingon; Formação do analista; Análise leiga.

Still the *tripod*? One hundred years of the Eitingon model

Abstract

This article aims to reflect on the experience of a representative of EPFCL-Brazil in the Movement for the Coordination of Psychoanalytic Entities and its effects

1 Versão estendida do trabalho apresentado no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil): "A formação do analista: urgência da nossa época", de 16 a 19 de outubro, em Maceió (AL).

on the training of analysts. In 1926, Freud made a single demand of those who wished to listen to other subjects: to undergo analysis. Based on the work that has been developed, research was conducted on Freud's work regarding the signifier "tripod" and, as far as could be verified, the term does not appear in any of his texts, only scattered references. The creation of the tripod and the homogeneous model of analytical training is attributed to Max Eitingon. The objective of this article is to question the use of the term "tripod," which has served as the basis for the opening of undergraduate courses in psychoanalysis. From this, we see the expression "Freudian tripod" as a product to justify the existence of these courses and the rapid increase in new students— between 2021 and 2023, more than 13,000 places were created. The conclusion is that the expression functions as a slogan for the alliance between scientific and capitalist discourse, and that the tripod, so often repeated by analysts, has become a catchphrase for de(formation). Thus, it is urgent that each analyst, one by one, take the non-regulation of psychoanalysis as a cause for their ongoing training and bet that with each new analysis, the analyst's desire may arise.

Keywords:
Tripod; Eitingon Model; Analyst training; Lay analysis.

¿Todavía el *trípode*? Cien años del modelo Eitingon

Resumen

Este artículo se propone reflexionar sobre la experiencia de una representante de la EPFCL-Brasil en el Movimiento de Articulación de Entidades Psicoanalíticas y los efectos que esto tiene en la formación del analista. En 1926, Freud establece una única exigencia para quien pretende escuchar a otros sujetos: someterse a un análisis. A partir del trabajo que se viene desarrollando, se realizó una investigación sobre la obra de Freud en relación con el significante "trípode" y, por lo que se pudo verificar, el término no aparece en ninguno de sus textos, solo hay referencias dispersas. La creación del trípode y del modelo homogéneo de formación analítica es de Max Eitingon. El objetivo del presente artículo es cuestionar el uso que del término "trípode", que ha servido de base para la apertura de cursos de grado en Psicoanálisis. A partir de ahí, se verifica la expresión "trípode freudiano" como producto para justificar la existencia de estos cursos y el vertiginoso aumento de nuevos alumnos: entre 2021 y 2023 se crearon más de 13 000 plazas. La conclusión es que la expresión funciona como eslogan de la alianza entre el discurso de la ciencia y el capitalista, y que el trípode, tan repetido por los analistas, se ha convertido en un eslogan de

(formación). Por lo tanto, es urgente que cada analista, uno por uno, tome la no regulación del psicoanálisis como causa de su formación siempre continua y apueste que con cada nuevo análisis pueda emerger el deseo del analista.

Palabras clave:

Trípode; Modelo Eitingon; Formación del analista; Análisis profano.

Encore le *trépied* ? Les cent ans du modèle d'Eitingon

Résumé

Cet article propose de réfléchir sur l'expérience d'une représentante de l'EPFCL-Brésil au sein du Mouvement d'Articulation des Entités Psychanalytiques et sur ses effets sur la formation de l'analyste. En 1926, Freud impose une seule exigence à celui qui souhaite écouter d'autres sujets : se soumettre à une analyse. À partir du travail en cours, une recherche a été menée sur l'œuvre de Freud concernant le signifiant « trépied » et, d'après ce qui a pu être vérifié, le terme n'apparaît dans aucun de ses textes, seules quelques références éparses y sont faites. La création du trépied et du modèle homogène de formation analytique est l'œuvre de Max Eitingon. L'objectif du présent article est de remettre en question l'utilisation du terme « trépied » qui a servi de fondement à l'ouverture de cours de licence en psychanalyse. À partir de là, on constate que l'expression « trépied freudien » est utilisée pour justifier l'existence de ces cours et l'augmentation vertigineuse du nombre de nouveaux étudiants : entre 2021 et 2023, plus de 13 000 places ont été créées. La conclusion est que cette expression fonctionne comme un slogan de l'alliance entre le discours scientifique et capitaliste, et que le trépied, si souvent répété par les analystes, est devenu un slogan de(formation). Il est donc urgent que chaque analyste, un par un, considère la non-réglementation de la psychanalyse comme la cause de sa formation toujours continue et parie que chaque nouvelle analyse peut faire naître le désir de l'analyste.

Mots-clés :

Tripode ; Modèle Eitingon ; Formation de l'analyste ; Analyse profane.

Este trabalho é fruto da experiência de uma representante da EPFCL-Brasil no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas do Brasil,[2] o que possibilita a reflexão sobre os efeitos dessa vivência para a formação permanente do psicanalista. A pesquisa, em andamento, investiga o significante "tripé", pois, ao longo de mais de um ano de trabalho ocupando a função, foi possível observar o uso da expressão como argumento garantidor para a abertura de novos cursos de graduação em psicanálise.

Em uma investigação minuciosa nos textos de Freud, verifica-se que o termo "tripé" não aparece ao longo da obra nem sequer qualquer expressão semelhante que sirva para cristalizar os elementos de composição da formação do analista. A busca foi feita em textos como: "Cinco lições de psicanálise", de 1910, "Recomendações aos médicos", de 1912, "Sobre o início do tratamento", de 1913, dentre outros. Por outro lado, dois textos chamaram atenção: "Deve-se ensinar a psicanálise na universidade?", de 1919, e "A questão da análise leiga", de 1926. Neles, Freud faz menções aos elementos da formação, entretanto, mantém o destaque para a dimensão da análise, trabalho com o inconsciente do qual nunca abriu mão, o que dá sinais de que os elementos não funcionam de modo equivalente. Tripé, por sua vez, demonstra clara referência à formalização achatada e homogênea dos elementos formativos — estudo teórico, supervisão e análise — junto às instâncias da Associação Psicanalítica Internacional (IPA, do inglês International Psychoanalytical Association) como veremos com a criação do modelo Eitingon.

Em "Deve-se ensinar a psicanálise na universidade?", Freud defende que a formação pode prescindir da teoria/universidade, sem causar qualquer perda para o analista; contudo, finaliza o texto afirmando que experiência clínica e análise pessoal são indispensáveis. Segundo ele, as aulas teóricas levam o aluno a ter um acesso restrito sobre a psicanálise e, para a sua prática, é fundamental "(…) que ele aprenda algo sobre psicanálise e a assimile" (Freud, 1919 [1918]/2012a, p. 171), marcando a importância de o sujeito, a partir de uma análise, poder verificar, assimilar, incorporar os efeitos do inconsciente em sua vida e, por implicação, em sua prática clínica. Assim, ele antecipa o trabalho de Lacan com a proposta de uma ética direcionada para outra lógica que não a da norma fálica: a ética do desejo e da psicanálise.

Ainda assim, sete anos depois, em "A questão da análise leiga", de 1926, texto escrito um ano após a criação do termo "tripé" em 1925, Freud resolve precisar

2 Movimento que articula mais de 120 entidades em torno de uma causa comum há 25 anos contra qualquer tipo de regulamentação da psicanálise. O presente trabalho é fruto das interlocuções e elaborações da Comissão dos Representantes da EPFCL-Brasil no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas — Bruna Americano (FCL-RJ) e Osvaldo Costa (FCL-Fortaleza). Além deles, a psicanalista Sonia Alberti (FCL-RJ) contribui de forma generosa com sua experiência e vivência desde os primórdios do Movimento Articulação.

mais ainda a questão dos elementos da formação. No final da seção V, em resposta ao interlocutor, ele faz referência aos institutos de psicanálise, a Max Eitingon em Berlim, e a Ernest Jones em Londres, para articular que "os próprios candidatos são analisados, recebem instrução teórica por meio de aulas sobre todos os tópicos importantes para eles e contam com a assistência de um analista mais experiente" (Freud, 1926/2012c, p. 213). Ele conclui que a formação do analista difere radicalmente da formação médica, sustenta que sem análise pessoal não é possível se tornar analista e destaca, mais uma vez, que a formação do analista é marcada profundamente pela relação do sujeito com seu próprio inconsciente.

O que chama atenção nesse texto é o fato de Freud tê-lo escrito após a formalização do tripé nos meandros da IPA e, ainda assim, não ter feito qualquer referência à sua criação, o que deixa a via aberta para diversas interpretações sobre o passo dado por um de seus seguidores.

As questões colocadas por Freud em "A questão da análise leiga" afetam a todos psicanalistas, pois, segundo Rizzi, "A opção de Freud pelo termo 'leigo' — atributo antes de tudo ético, mais que ideológico ou profissional — indica uma peculiaridade intelectual e não coincide com a definição de uma categoria profissional" (Rizzi, 1927/2005, p. 192). Rizzi aponta, com muita clareza, que a psicanálise é leiga pela própria estrutura do inconsciente e da castração, isto é, se alguém se nomeia analista, não é possível fazer outra escolha que não pela laicidade, pela liberdade, pelo não saber que orienta a lógica inconsciente. É justamente nesse ponto que Lacan sustenta o discurso da psicanálise distinto de qualquer outro, incluindo-o no campo da ética, no qual assume a falta e o vazio como bússolas centrais para tratar do desejo em articulação com o real da satisfação pulsional (Lacan, 1959-1960/2008).

Sobre a verificação da ausência do termo "tripé" em Freud, foi preciso dar continuidade à pesquisa buscando referências que pouco ou quase nada eram conhecidas, o que ressoa na formação, ao se verificar efeitos desse desejo de saber em elaborações e construções em análise.

Em 2022, os psicanalistas foram surpreendidos pelo anúncio de um curso de graduação[3] em psicanálise no Brasil, reconhecido pelo Ministério da Educação. Hoje, são cerca de 11 cursos autorizados no país, mas não reconhecidos. Analisando os *sites* das instituições,[4] nota-se que as descrições dos cursos são fundamentadas no

3 Curso de Bacharelado em Psicanálise pelo Centro Universitário Uninter. Em janeiro de 2026, a partir do trabalho coletivo do Movimento Articulação, o Ministério da Educação decretou a mudança do curso para Estudos Teóricos Psicanalíticos e Sociais e determinou que ele seja direcionado para abordagem teórica e conceitual da psicanálise sem qualquer vinculação à clínica e à formação analítica. Para mais informações, acompanhar Nota Técnica nº 6/2025/DIREG/SERES do Ministério da Educação.

4 *Site* da Uninter. Recuperado em 6 de setembro, 2025, de https://www.uninter.com/graduacao/a-distancia/bacharelado-em-psicanalise

tripé, ou, expressões análogas, como "três dimensões" ou "três pilares". A indicação da formação do psicanalista compreender em análise pessoal, supervisão e estudo teórico é bastante frequente nas propostas apresentadas por esses cursos.

As tentativas de burocratização em torno da formação do analista e suas consequências institucionais nunca deixaram de aparecer na história da psicanálise. Basta se verificar, desde a origem da IPA, em 1910, diversas tentativas e manobras combinadas. O tempo de duração e a quantidade das sessões, quem pode analisar, bem como a autorização do analisante pelo titular ao fazer clínico, eram alguns dos critérios estabelecidos dentro da sociedade analítica, sendo que alguns deles perduram até hoje. Não foi diferente com o tripé, o qual, pouco a pouco, ganhou a fama de "bordão" da formação analítica.

Max Eitingon, médico que atuava em Zurique — talvez o menos conhecido da clássica foto de Freud e seus discípulos —, esteve em Viena, em 1907, para discutir um caso clínico e nunca mais se afastou. Segundo Ernest Jones (1989, p. 46), ele foi o primeiro do círculo a fazer análise didática. Eitingon deixou poucos avanços para a teoria psicanalítica, sendo geralmente associado a questões organizacionais ou burocráticas, como a criação do tripé. Contudo, ele desempenhou um papel significativo na história do movimento psicanalítico, sobretudo entre 1919 e 1932, período compreendido pela ascensão e expansão da IPA e suas filiais.

Foi no Congresso de Budapeste, em 1918, em um debate convocado por Eitingon, que a análise de formação foi proposta e tornou-se, então, condição *sine qua non* para os analistas posteriores. Em 1920, Eitingon participou, na condição de diretor, da criação da Policlínica de Berlim e, em 1925, criou a CIF — Comissão Internacional de Formação —, que está completando, em 2025, 100 anos. A CIF[5] foi chamada por seus contemporâneos da criação favorita de Eitingon, deixando-o conhecido como "representante da ideia de uma formação rigorosa" e idealizador do "modelo Eitingon" (Schröter, 1925-1929/2025, pp. 251-284).

Segundo o psicanalista Eduardo de São Thiago Martins, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, "O famoso tripé foi um projeto-piloto da Policlínica de Berlim, primeiro Instituto de formação de analistas do mundo, no pós-guerra. Porém, a proposta oficial de Eitingon, dentro da IPA, deu-se em 1925, no Congresso de Homburg" (Martins, 2018, pp. 167-172). No modelo Eitingon, eram previstos análise didática, supervisão e seminários, uma formação berlinense sistemática com forte tendência universitária, diferente do que vinha acontecendo em Viena, onde se admitiam candidatos estrangeiros, como o próprio Eitingon havia sido acolhido por Freud, no início do século. Segundo o psicanalista, o ponto crítico do modelo eram as condições de admissão, pois uma padronização internacional deveria assumir a for-

5 Hoje, atual Comissão de Educação e Supervisão da IPA.

ma mais homogênea possível para acolhimento de novos associados. Essa discussão certamente motivou Freud, entre 1926 e 1927, ao defender Otto Rank da acusação de charlatanismo, a pontuar uma única exigência àquele que pretendia escutar outros sujeitos: "se submeta antes, ele mesmo, a uma análise" (Freud, 1926/2012b). Ademais, mesmo com o tripé regulamentado, Freud escolheu não o referenciar ao longo de todos os demais textos em que produziu, até o final dos anos 1930.

Dessa maneira, a tentativa de adaptar a formação do psicanalista aos padrões de Eitingon teve o debate sobre a análise leiga como principal motivação, na medida em que, naquele ponto, a psicanálise já transcendia os níveis local e nacional e estava em franca expansão pelas Américas. No congresso de Innsbruck, em 1927, no qual Anna Freud e Melanie Klein indicavam o futuro da psicanálise, três novas filiais da IPA foram criadas: na Hungria, na Holanda e em Nova York. A filial de Nova York, em resposta ao pedido de discussão sobre o tema da análise leiga, "declarou-se intransigentemente contrária" (Schröter, 1925-1929/2025, pp. 251--284) à aceitação de não médicos para a formação.

É nesse *zeitgeist*, em 1927, a partir de Durval Marcondes e Franco da Rocha, que se dava a fundação da filiada da IPA no Brasil, em São Paulo, primeira cidade sul-americana a recebê-la. Virgínia Bicudo, primeira psicanalista brasileira, não médica e negra, foi essencial para a estruturação da psicanálise no Brasil.

Cem anos após a criação do Modelo Eitingon, em um momento crucial para a história da psicanálise, no qual cerca de 11 mil alunos estão distribuídos em 11 cursos em universidades brasileiras, caberia perguntar: ainda o tripé? Pois, é justamente o bordão empregado por muitos psicanalistas que pode estar a serviço da lógica do capital, conduzindo a psicanálise ao pior. A profissionalização do psicanalista nunca esteve tão perto de se tornar realidade, tal como um modelo acadêmico.

Dessa maneira, é possível propor tensionar que as tentativas de regulamentação da psicanálise serão sempre violentas, como a luta de Eitingon em homogeneizar os sujeitos, na esperança de acabar com o conflito, com as diferenças, criar normativas segregadoras e deixar as urgências de fora da formação do analista.

Assim, parece imprescindível, a cada um dos analistas, tomar a não regulamentação da psicanálise como causa de sua formação contínua e na aposta de que, em cada nova análise, possa advir o desejo do analista. Esse, sim, orientado pela ética que direciona a formação do analista.

Lacan deixou a trilha da intensão à extensão aberta para ser percorrida, sem que a "sombra espessa que encobre a junção de que me ocupo aqui, aquela em que o psicanalisante passa a psicanalista" (Lacan, 1967/1998, pp. 248-264) deixe de ser o indicativo fecundo para que possa ser ponderada a formação do analista como uma ferida sempre aberta. Afinal, é possível afirmar que seguir o tripé pode não estar caindo muito bem.

Referências bibliográficas

Freud, S. (2012a). ¿Debe enseñarse el psicoanálisis en la universidad? In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919 [1918])

Freud, S. (2012b). El tema del análisis lego. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)

Freud, S. (2012c). El tema del análisis lego. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 20). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926)

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud II*. Rio de Janeiro: Imago.

Lacan, J. (1998). *A proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola* (pp. 248-264). (Trabalho original publicado em 1967)

Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Martins, E. S. T. (2018). Eitingon *ex machina*. *Jornal de Psicanálise*, *51*(95), 167-172.

Rizzi, G. I. (2005). Leigo é o inconsciente. In *As cidades de Freud: itinerários, emblemas e horizontes de um viajante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1927)

Schröter, M. (2025). Max Eitingon e a luta para estabelecer um padrão internacional de formação analítica. *Jornal de Psicanálise*, *58*(108), 251-284. (Trabalho original publicado em 1925-1929)

Recebido: 25/02/2026

Aprovado: 03/08/2026